

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES  
INDÍGENAS – FIEI  
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA**

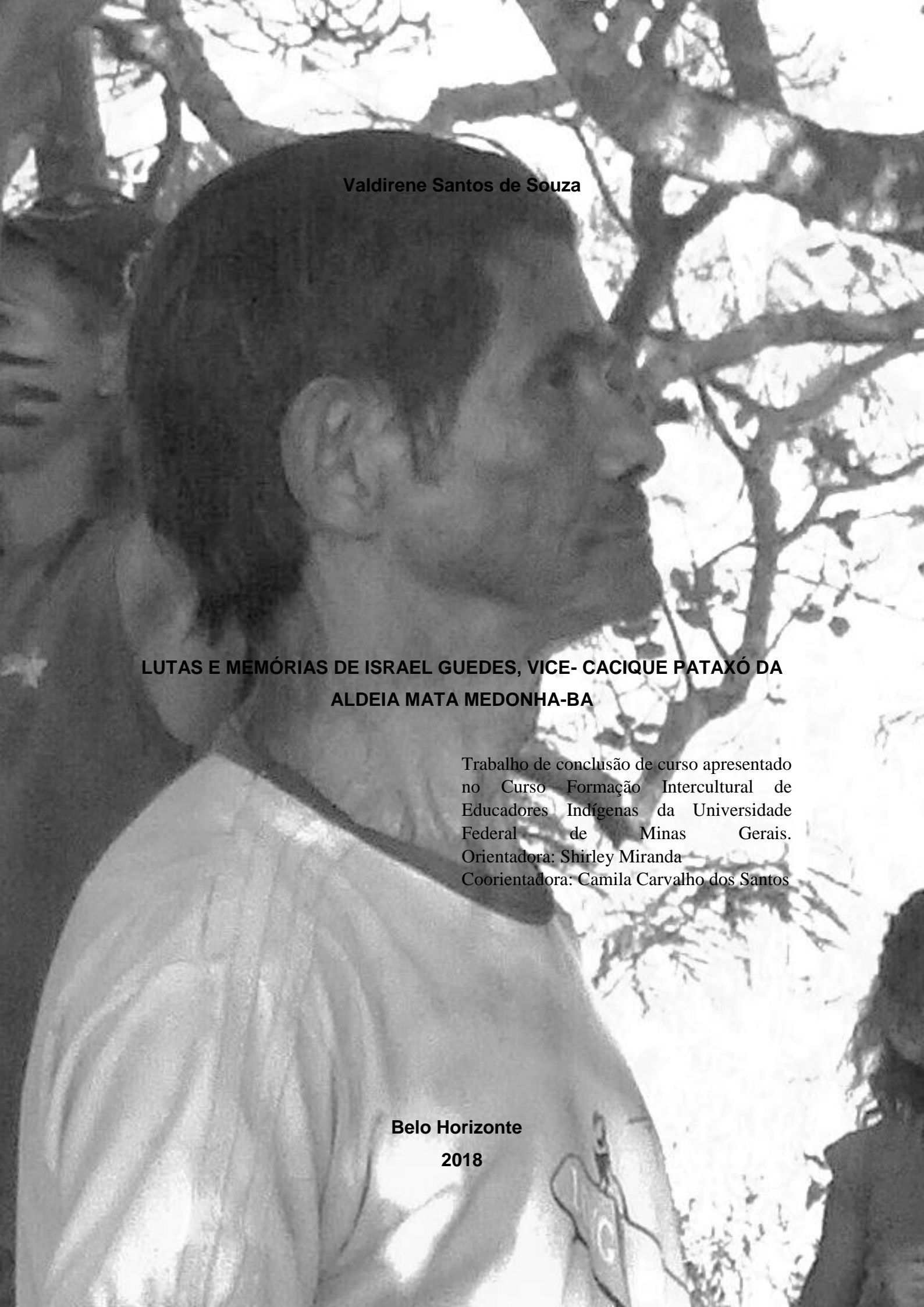
**LUTAS E MEMÓRIAS DE ISRAEL GUEDES,  
VICE- CACIQUE PATAXÓ DA ALDEIA  
MATA MEDONHA-BA**

**Valdirene Santos de Souza**

**Belo Horizonte**

**2018**





**Valdirene Santos de Souza**

**LUTAS E MEMÓRIAS DE ISRAEL GUEDES, VICE- CACIQUE PATAXÓ DA  
ALDEIA MATA MEDONHA-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
no Curso Formação Intercultural de  
Educadores Indígenas da Universidade  
Federal de Minas Gerais.  
Orientadora: Shirley Miranda  
Coorientadora: Camila Carvalho dos Santos

**Belo Horizonte  
2018**

**Fazer história não depende só viver, é preciso saber viver, saber amar e saber parar. (Israel Guedes)**

## RESUMO

.Uĩtãĩ akuêg areneá'xó iê awãkã ũpú pohêhaw ũpú Israel Guedes dxa'á môm mixetxawé akaiéko uĩ pataxí pataxó ũpú ĩbá nioktoyná ' Dxa'á kãxkay pâx sul upã Bahia ' mê'aré'irá apetxiênã ũpú kotenekô pukuixê iê patxitxá iê pataxi . Israel áhê ágwê hãtô makinã nioktoiná ũg ihãyré'ã iê mê'aré akaié'atê ikô tornêpuhú ũpú tâypãk nomaysãhy ahôhê: kotenekô haêdxê ũpú akaié'atê 'ũpú torotê areneá'irá ũg jiráp uĩ nkãh upã pataxí . Ikãtãy akuêg môm patxitxá'txê ikô koxuk ũpú makinã 'kôpokixáy hũ makinã upã patã mionã ũg makinã dxa'á kuã'xó ũg kahab'ã hũ topehê. Uĩtãĩ akuêg 'kepãyp areneá'xó ahôhê môm iê mehoxó'txê ũpú Israel iê pataxí ' iêp ikhã ikhã're'ã 'iêp ãksug ' ũg iêp itxioytxioy ũptopehê hũ iê patã mionã ũg hũ iô otxemã upã meãdxú dxa'á txobhá . Iê awãkã ũpú Israel arenea'txê uĩtãĩ akuêg petôy nitxy nãxêykô 'ãbakoháy ũg paktê

## TRADUÇÃO

Neste trabalho, apresento a história de vida de Israel Guedes que foi vice cacique na aldeia pataxó de Mata Medonha, localizada no sul da Bahia, sendo um de seus fundadores. Israel se destacou e se tornou liderança por algumas de suas características como: seu modo de liderar, de aconselhar e atender as necessidades da comunidade. Este trabalho foi realizado através de fotografias, entrevistas e conversas com familiares e pessoas que conheceram e conviveram com ele. Nesses relatos, elas contam como foi a chegada de Israel à aldeia, as dificuldades enfrentadas, as conquistas, e a relação dele com a família e com o uso das ervas tradicionais. A história de Israel contada neste trabalho inclui muitas lembranças, memórias e gratidão.

**Palavras chave:** História de vida. Israel Guedes Pataxó, ervas tradicionais. Aldeia Mata Medonha

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Peneira utilizada para peneirar massa da mandioca.....	14
Figura 2: Documento que declara que Israel foi morador da Aldeia Boca da Mata .....	15
Figura 3: Israel e sua família.....	17
Figura 4: Imagem da Aldeia Mata Medonha .....	17
Figura 5: A casa.....	18
Figura 6: Documento que identifica e delimita o território de Mata Medonha como terra indígena. ....	20
Figura 7: Ofício da FUNAI endereçada aos órgãos governamentais .....	21
Figura 8: Imagem de Israel Guedes.....	22
Figura 9: Ata de reunião sobre a votação do cacique e vice-cacique da Aldeia Mata Medonha .....	23
Figura 10: Pé de aroeira da casa de Israel .....	25
Figura 11: Documento da Funasa relacionada a compra de geradores e placas solares.....	28
Figura 12: Filhos e netos de Israel Guedes .....	32
Figura 13: Israel na casa das sobrinhas na Aldeia Coroa Vermelha. ....	33
Figura 14: Imagem dos filhos de Israel.....	34
Figura 15: Antônio Guedes, irmão de Israel Guedes .....	35
Figura 16: Filhas de Israel e atuais professoras da Aldeia Mata Medonha. ....	36
Figura 17: Filha de Israel em festejo do dia do índio .....	37
Figura 18: Aldeia Mata Medonha nos dias de hoje .....	38
Figura 19: Juventude pataxó da Aldeia Mata Medonha.....	39
Figura 20: Jovens da Aldeia Mata Medonha na preservação da cultura .....	40
Figura 21: Israel presenciando a reintegração de posse no território de Mata Medonha .....	40
Figura 22: Apresentação das ervas medicinais.....	43
Figura 23: Lideranças da Aldeia Mata Medonha em roda de conversa sobre o resgate o uso das ervas medicinais.....	44
Figura 24: Mesa com a exposição dos remédios naturais produzidos pelos alunos.....	45
Figura 25: Valdirene e Israel.....	45

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CIMI- Conselho Indigenista Missionário

EJA- Educação de Jovens e Adultos

FAE- Faculdade de Educação

FIEI- Formação Intercultural para Educadores Indígenas

FUNAI- A Fundação Nacional do Índio

FUNASA- Fundação Nacional de Saúde

IFBA- Instituto Federal da Bahia

SESAI- Secretaria Especial de Saúde Indígena

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

COELBA- Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

FERA- Faculdade de Ensino Regional Alternativa

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>METODOLOGIA</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	14
<b>1.1 A chegada de Israel a aldeia</b> .....	14
<b>CAPITULO 2</b> .....	22
<b>2.1. A história de Israel a partir do relato de senhor Josué Máximo</b> .....	22
<b>2.2. O que as pessoas dizem sobre Israel</b> .....	22
<b>2.3 A participação de Israel na conquista da aldeia e os documentos de comprovação</b> .....	27
<b>2.4 A relação de Israel com a família</b> .....	31
<b>CAPITULO 3</b> .....	38
<b>3.1. A aldeia que Israel ajudou a conquistar</b> .....	38
<b>4. ISRAEL E SEU CONHECIMENTO DAS ERVAS MEDICINAIS</b> .....	42
<b>4.1. O resgate do uso das ervas medicinais</b> .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>APÊNDICE- A AS PERGUNTAS</b> .....	50

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Israel Guedes e Maria José, razões da minha vida, Que sonharam e acreditaram em mim, sendo minhas fontes de inspirações.

Ao meu filho Enzo Gabriel, que iluminou os meus pensamentos, o presente mais lindo que já recebi. Meu esposo Maciel por ter me apoiado nos momentos de dificuldades e por ter sido compreensivo.

A minha família que é o meu abrigo seguro, minha rocha. E aos amigos pelo o apoio, para que esse sonho pudesse se realizar.

Dedico a todas as pessoas que contribuiu para que esse trabalho tornasse realidade, me ajudando com relatos, entrevistas e conversas.

Dedico este trabalho em especial ao meu pai Israel esse guerreiro que me deixou em maio de 2015, mas suas lembranças, histórias, memórias e seus ensinamentos ficaram guardados como referências para a vida toda, em minha memória. O amor que sinto, a admiração, o orgulho de tê-lo como pai e mestre me completa e me realiza como pessoa.

AHNÃ ERTÕ PAI SAEL



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar ao meu Criador Deus, por iluminar os meus caminhos e guiar-me nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus pais Israel Guedes e Maria José, pelo o carinho, o amor e a dedicação, mesmo sem terem estudos me motivou a estudar, sonhar e acreditar em mim mesma.

Ao meu filho Enzo Gabriel e meu esposo Maciel, pelo o apoio e compreensão. Presentes de Deus para a minha vida, meus amores.

A minha família pelo o incentivo e força dada nos momentos mais difíceis. Aos amigos que contribuiu direto ou indiretamente com este trabalho.

Aos meus colegas da turma de habilitação matemática 2014-2018 por passarmos quatro anos juntos com garra, força e determinação e com essa mesma força é que concluímos essa primeira etapa de nossas vidas.

As minhas colegas e companheiras de quarto que alegraram minha vida nos momentos de solidão, de tristeza e nos momentos alegres também.

A minha professora e orientadora, Shirley Aparecida de Miranda e a coorientadora Camila Carvalho pelo incentivo e o empenho para a elaboração deste trabalho.

Aos professores do FIEI que fizeram parte da minha vida acadêmica.

A professora e coordenadora da Habilitação Matemática, Vanessa Sena Tomaz pela paciência e incentivo durante o curso.

## INTRODUÇÃO

Sou Valdirene Santos de Souza, filha de Israel Guedes e Maria José. Nascida em 10/11/1994 no município de Santa Cruz Cabralia-BA. Moro na aldeia indígena pataxó Mata Medonha-Santa Cruz Cabralia-BA, sou casada e tenho um filho. Estudei até a quarta série na minha aldeia, a partir da quinta série precisei estudar na cidade, que é o bairro de Santo Antônio que fica 09km da aldeia Mata Medonha. Muitas dificuldades enfrentei na questão da estrada e do transporte para chegar até a escola da cidade. Primeiro transporte que tivemos foi uma perua, onde alguns alunos iam no bagageiro, por causa do espaço. Depois veio um outro transporte cedido pela prefeitura, que era uma Picape que não tinha freio, quando descia a ladeira era na banguela<sup>1</sup> como diziam os mais velhos.

Depois veio uma Van, mas quando quebrava eu ia a pé até a escola da rua, e voltava a pé com outros colegas para estudar. Quantas vezes o transporte escolar quebrava no meio da estrada á noite, e voltávamos para casa a pé, chegando por volta das onze e meia a meia noite. Quantas vezes fui zombada na escola da cidade, por chegar com os pés sujos de lama por causa da estrada que estava molhada, chegava na escola com os materiais molhado porque o transporte escolar atolava e eu tinha que continuar seguindo caminho debaixo de chuva até a escola. Havia muitas discriminações por parte dos alunos da escola da cidade. Por termos uma cultura diferente da deles, falavam que índios eram preguiçosos e faziam piadinha com o nome de Mata Medonha. Em 2009 eu já estava no primeiro ano do ensino médio e concluído no ano de 2011 quando eu tinha 16 anos de idade. A conclusão do ensino médio foi com muita luta e dificuldades relacionados tanto aos problemas encontrados em relação ao transporte e a estrada quanto aos preconceitos vivenciados no ambiente escolar.

Tive um grande incentivo da minha família, inclusive do meu pai que é um guerreiro. Em 2013 tive minha primeira experiência em sala de aula, quando assumi a turma do terceiro ano do ensino fundamental. Em 2014 continuei a substituir alguns professores, sendo que nesse mesmo ano ingressei na Faculdade de Educação-FAE no curso de Formação Intercultural para

---

<sup>1</sup> Banguela é um termo popular para se referir a descida rápida de um carro sem freio em uma ladeira.

Educadores Indígenas-FIEI. Em 2015 trabalhei como auxiliar de classe. Após passar no processo seletivo válido por dois anos para atuar como auxiliar de classe, 2016 e 2017 desempenhei a função de auxiliar de classe e cuidadora. Em 2018 passei a trabalhar com as turmas da educação infantil ao quinto ano e a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como professora. Em maio 2015 no segundo módulo do curso, tive que voltar para minha comunidade antes do término do módulo devido ao falecimento do pai da minha parente, que também é da Aldeia Mata Medonha, e faz o curso juntamente comigo. No mesmo ano de 2015, quinze dias após o falecimento do pai da minha parente, perdi uma das joias mais preciosas e importantes que eu tinha, o meu pai. Ele era uma das pessoas que mais me incentivou, para que eu chegasse ao nível que estou hoje. Estávamos conversando sobre meu casamento que iria acontecer a poucos dias, mas ele faleceu antes. Foi um momento de muita dor... pensei no curso que eu estava fazendo e que não teria mais o seu apoio. Mas recebi muita força, principalmente da minha família e de toda a comunidade. Me tornei esposa, professora na minha comunidade e mãe de um lindo filho. Isso diminuiu um pouco a tristeza pela a perda do meu pai.

É importante registrar a história de Israel Guedes, ou "*Gigipatí*", nome indígena da qual gostava de ser chamado, por ele ser uma liderança que batalhou bastante por sua comunidade e também foi um dos fundadores da Aldeia de Mata Medonha. Guerreiro, só sabia assinar seu nome, pois não tinha muita habilidade na escrita, mas, sabia ler muito bem. Uma pessoa sábia, sempre passava o que sabia para os jovens que se interessava nas lutas e assuntos relacionados às causas indígenas. Nas reuniões sempre incentivava as pessoas darem as suas opiniões como comunidade. Também incentivava a juventude a estudar para que pudessem ter uma formação e assim trabalhar em sua própria comunidade independente das dificuldades presentes na aldeia.

Mesmo depois de seu falecimento, Israel continua sendo referência para todos os moradores da Aldeia de Mata Medonha. Percebendo a necessidade de contar sua história de luta aos mais jovens, decidi realizar este trabalho como forma de fortalecer as memórias de nosso povo deixando este registro para as futuras gerações. Assim, este trabalho tem como objetivo pesquisar a trajetória de vida

de Israel Guedes no período de liderança e no período em que não exercia mais esta função

Espero que esse trabalho possa servir de material de referência, para ser trabalhado na escola e desperte o interesse nos leitores de conhecer sua história através registros e memórias contadas sobre a vida de s.r. Israel Guedes.

No primeiro momento contarei a história de Israel Guedes a partir das lembranças que tenho, e das coisas que contavam em minha casa. Por isso, escrevo em cartilha a história rica desse ancião, guerreiro e líder que já faleceu, mas que sua história ainda continua viva em nossa memória.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi realizado entre os meses de abril de 2017 e fevereiro de 2018. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas e estudo documental. No que se refere às entrevistas, foram realizadas rodas de conversas, relatos e entrevistas individuais que foram gravadas.

Foram entrevistados oito pessoas. Dentre elas estão familiares de Israel Guedes, funcionários da escola, moradores da aldeia Mata Medonha, da aldeia Pequi e um morador da Aldeia Barra Velha. Abaixo descrevo um pouco sobre quem são estes entrevistados e sobre a minha decisão de convidá-los a participar deste trabalho.

**Sr. Sinival:** atual diretor da escola de Mata Medonha é uma das lideranças jovens da aldeia. Tinha uma relação muito forte com Israel. Quando atuava em sala de aula com a matéria de *patxôhã*<sup>2</sup>, era ele que Israel procurava para falarem sobre projetos referente a educação. Ele também é uma das pessoas que faz parte das lutas e tem Israel como referência.

**Sra. Maria José:** foi esposa de Israel e viveu com ele 34 anos na aldeia de Mata Medonha, compartilharam suas vidas, suas histórias, suas dificuldades e suas alegrias. Quando se casou com Israel já tinha sete filhos, e juntos tiveram mais

---

<sup>2</sup> Patxôhã é a língua falada pelos pataxós e ensinada nas escolas indígenas pataxós com a finalidade de manter viva a cultura.

sete e ainda criaram mais três crianças. Por saber muito sobre a vida de Israel, por ser uma *jokana* (mulher) guerreira e por ser a companheira dele, eu a escolhi.

**Sra. Josélia:** Filha mais velha de Israel e uma das professoras da aldeia de Mata Medonha. Por viver mais tempo com ele e vivenciar momentos maravilhosos, a escolhi para contar sobre a relação dele com a família.

**Sra. Conceição:** uma das anciãs de Mata Medonha e comadre de Israel. Acompanhou a trajetória dele durante sua liderança, e também uma das mulheres que costumava organizar festejos na aldeia juntamente com Israel.

**Sr. Josué:** veio de Barra Velha em 1986 juntamente com Israel e juntos fundaram a aldeia de Mata Medonha. Atualmente sr. Josué mora na aldeia Pequim em Cumuruxatiba.

**Sra. Vanusa:** uma das filhas de Maria, esposa de Israel. Ele a criou desde quando tinha um mês de vida. Passou por muitas experiências ao lado de seu pai desde que ele chegou ao território que hoje é chamado de Mata Medonha.

**Sr. Antônio Guedes:** Irmão mais novo de Israel, atualmente mora em Itamaraju-Ba. Junto com Israel teve uma infância sofrida por perder seus pais ainda criança. Apesar disso, mantiveram os laços de família entre si. Foi escolhido por conhecer e conviver com Israel desde a infância e por isso foi muito importante registrar seu depoimento neste trabalho.

**Sra. Irene Maria:** Pedagoga e funcionária da FUNAI conheceu Israel Guedes desde quando ele morava em Barra Velha. Por ter muitas recordações dele como liderança e por ter acompanhado suas idas e vindas na questão de projetos, então a escolhi.

**Sr. Zezito Ferreira dos Santos:** morador da aldeia Barra Velha, conheceu e acompanhou a história de Israel quando ainda morava em Barra Velha e Boca da Mata. Por conhecer sua trajetória de lutas enquanto liderança em Boca da Mata, sua coragem e vivenciar momentos que hoje só tem em sua memória, acredito que o sr. Zezito teve muito a contribuir com este trabalho.

Em relação ao estudo documental, procurei levantar fotos, cartas e demais documentos pertinentes à vida de Israel Guedes que trazem elementos sobre sua liderança e sobre sua vida em família. Tais documentos se encontram sobre a posse de sua família.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 A chegada de Israel a aldeia**

Israel Guedes de Souza, vice- cacique pataxó da aldeia de Mata Medonha que está localizada no extremo sul da Bahia, no município de Santa Cruz de Cabrália. Nasceu no ano de 1933, natural de Prado- BA e faleceu com 82 anos em maio de 2015.

Israel perdeu seus pais ainda muito jovem, com apenas 17 anos. Ele por ser o mais velho de seus irmãos, assumiu a responsabilidade, de trabalhar na roça para o sustento da casa.

Israel Guedes, nasceu no município de Prado- BA. Morava na Aldeia Barra Velha que fica no município de Porto Seguro- BA. Era artesão e um dos artesanatos mais feitos por ele era a peneira.

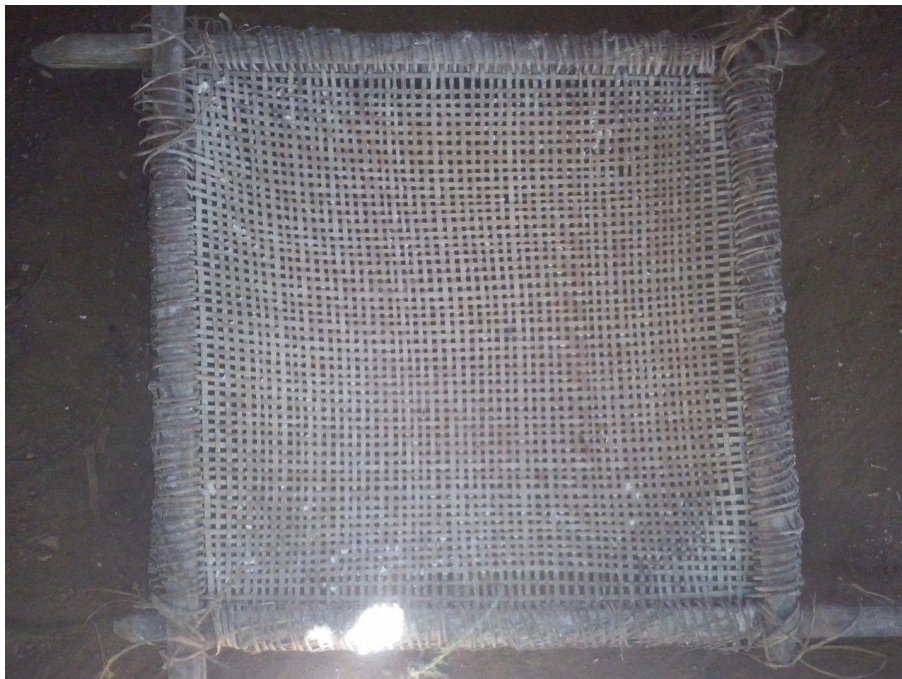


Figura 1: Peneira utilizada para peneirar massa da mandioca  
Fonte: Arquivos pessoais



Ainda jovem, casou, mas passado algum tempo se separou. Com dezoito anos de idade Israel vivenciou um pouco do Massacre do Fogo de 51<sup>3</sup> que aconteceu em Barra Velha, mas seus pais com medo do massacre, decidiram sair de Barra Velha, para se esconder. Então eles foram morar na Aldeia Boca da Mata. Pesquisei o ano de sua chegada ao local, mas somente encontrei uma declaração de quando ele foi morador da Reserva Indígena Boca da Mata. Que também está localizada em Porto Seguro- BA.

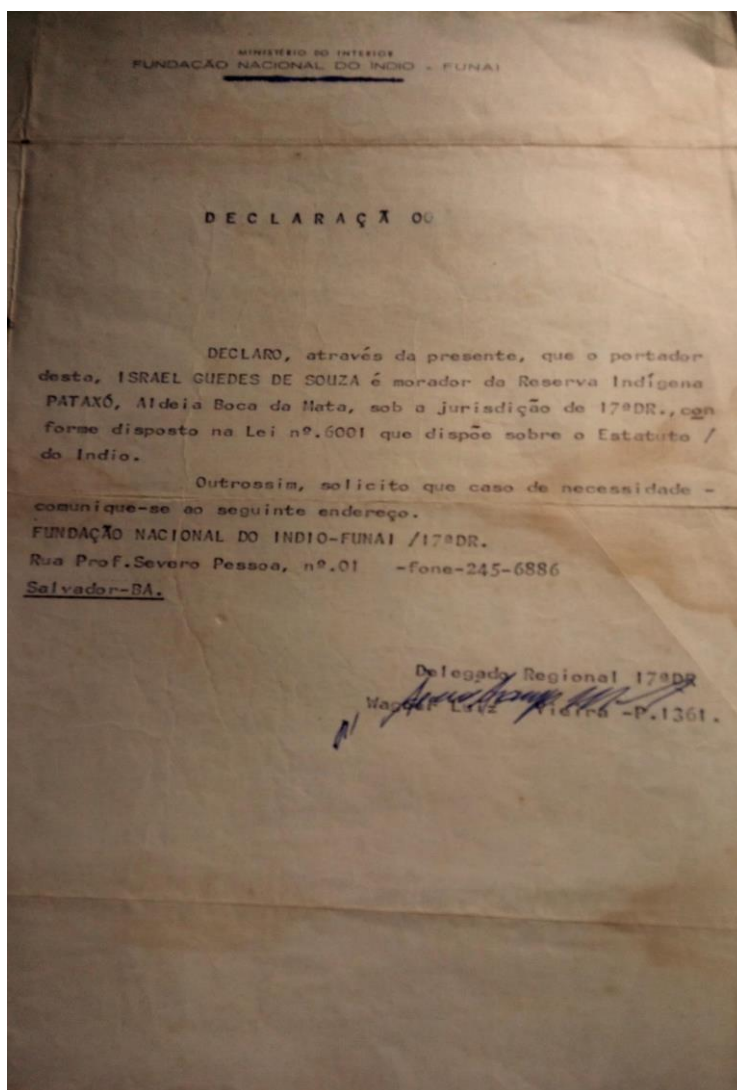


Figura 2: Documento que declara que Israel foi morador da Aldeia Boca da Mata  
Fonte: Arquivos pessoais

<sup>3</sup>O Massacre do Fogo de 51 foi um conflito armado entre indígenas e autoridades governamentais devido a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal na Bahia. Este massacre foi ofuscado pela memória oficial, mas encontra-se vivo na memória da comunidade indígena Pataxó de Barra Velha- BA.

Depois de alguns anos em Boca da Mata, Israel reencontrou João Brito de Oliveira, o Maninho. Conversaram sobre Analberta, umas terras que pertenciam a família de Brito e que foram vendidas a um fazendeiro. Estas terras se localizavam no município de Cabrália e ele queria retomá-la. Essa ideia surgiu porque naquela época eles souberam que alguns índios estavam fazendo retomadas e assim decidiram retoma-la. Israel decidiu deixar Boca da Mata e ir para esta terra, onde hoje se encontra a Aldeia de Mata Medonha.

Chegando por aquelas terras não retomaram imediatamente, mas foram para o outro lado do rio onde tinha alguns madeireiros. Israel, Maninho e a família Máximo de seu Baiara que na época moravam em Barra Velha se interessaram pela proposta. Saindo todos de Barra Velha, vieram pra essa terra, que tinha por nome de Analberta. Como havia muitos dias que Israel estava por aquelas terras, Maninho decidiu levar Israel na casa de um senhor chamado Euzino que morava ali por perto, sendo que esse senhor não era indígena. Chegando lá Israel começou a conversar com o senhor Euzino, mas avistou logo uma moça, por nome Maria José. Eles se apaixonaram e decidiram se casar. Ele a aceitou com seus sete filhos, e criou como se fossem seus. Os pais da jovem tinham uma fazenda pequena, Israel ficou nessa fazenda por alguns dias como relata Maria José.

**Sra. Maria José:** Eu conheci porque ele mudou de Barra Velha para cá, para essa aldeia, sendo que naquela época ainda não era aldeia. Aí quando foi um dia o João Brito, conhecido também como Maninho, convidou Zael para vir para essas terras para juntos formarem uma retomada. Ele aceitou. Vindo para esse lado do rio, ficou numa terrinha onde Maninho morava, terra que todos conheciam por nome de Analberta, que era uma terra de sua família. Passado um tempinho, Maninho levou ele na casa do meu pai dizendo que era para passear, depois ele voltou e nós começamos a conversar né, mas eu pensando que não era caso sério, aí ele voltou para casa de Maninho já no sentido de ser coisa séria, para casar mesmo. Ai quando foi com oito dias ele voltou na casa de meu pai, conversou direitinho comigo, depois com meu pai, aí meu pai aceitou. Eu já tinha sete filhos, e um dos meus filhos, tinha um mês de nascida, era uma menina.



Figura 3: Israel e sua família  
Fonte: Imagens cedidas por Maria José

Diariamente, juntamente com seu Baiara, Israel atravessava o rio para fazer cabanas de palha. Porém os madeireiros que ali ficavam diziam que eles é que eram os donos das terras e que os índios não deveriam tentar ir para lá fazer aldeia. Embora eles tinham muito medo, não se intimidaram com os madeireiros e continuaram a fazer as cabanas.

Quando começava a escurecer ele voltava pelo rio e seguia para a fazenda do seu sogro. Seu trajeto continuou, por algum tempo, até a terra ser considerada e demarcada como área indígena, em 1988. Hoje está terra é conhecida como a Aldeia Mata Medonha. As primeiras famílias que chegaram ao local se espantaram com o tamanho da mata e se referiram a ela como “Mata Medonha”. O nome da Aldeia está relacionado a sua extensão. “Medonha” é um termo utilizado para demonstrar algo que é grande.



Figura 4: Imagem da Aldeia Mata Medonha  
Fonte: Moises Ferreira

A conquista da Aldeia Mata Medonha foi com muita luta, persistência e resistência dos guerreiros que ali estavam. Eram lutas para conseguir retirar os madeireiros, que eram feitas através de conversas com os representantes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)<sup>4</sup>, através das viagens à Brasília e Salvador, buscando encontrar soluções para marcar o território. Não eram lutas com violência.

Foram três famílias que lutaram por Mata Medonha, em sua fundação: as famílias Guedes, Máximo e Brito. Cada uma escolheu um pedacinho de terra para fazer sua casa e seu plantio. Israel Guedes ficou morando onde iniciava a aldeia, porque os madeireiros não conheciam ele, talvez por ver alguém diferente pudesse se sentir recuado. Essa foi a fala de um dos companheiros dele, seu maninho. A primeira casa de Israel com a sua família era com o telhado de marimbú<sup>5</sup> e as paredes de palha de dendê. Trabalhava plantando feijão, milho, mandioca, fazendo a farinha e cortando piaçava perto de sua casa. Como a estrada não passava carro e moto, Israel e sua esposa Maria tinham que andar 9 km a pé até o bairro de Santo Antônio, que é o bairro mais próximo de Mata Medonha. Seguiam, ela com uma lata de farinha na cabeça (uma lata tem por média 20 litros) e ele com piaçava nas costas para vender ou trocar por açúcar, café e peixe, para os filhos terem o que comer.



Figura 5: A casa  
Fonte: Arquivos pessoais

Nessa época tudo era difícil, Israel atravessava por um brejo com muita lama, que era mais difícil se locomover, para conseguir vender ou fazer sua troca. Em

<sup>4</sup> A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que tem a função de proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.

<sup>5</sup> Marimbú é um tipo de palha encontrado em brejos lagoas e rios.

uma dessas idas, voltando para sua casa, encontrou aproximadamente quatro madeireiros na sua casa a sua espera. Armados com espingarda de cartucho, dizendo para Israel que aquelas terras pertenciam a eles, mas não chegava ao ponto de ameaçá-lo com as armas, mas era um ato para intimidá-lo. Israel chamava eles para uma conversa que acontecia sempre debaixo de um pé de manga que tinha em sua casa, Israel falava para eles que a FUNAI tinha autorizado a sua entrada naquelas terras e sempre perguntava a eles sobre a documentação da terra. Eles só respondiam que tinham toda a papelada e que a terra eram deles e tinham muito tempo que tiravam madeira ali e queriam a terra de volta. Mas nunca apresentavam os documentos.

Naquela época o delegado da FUNAI era conhecido como Chicão. No dia seguinte, bem cedo, Israel caminhava 09km a pé para chegar no bairro Santo Antônio (bairro mais próximo da aldeia Mata Medonha) para pegar um transporte que levava até balsa, sendo que Israel teria que pegar outra condução da balsa até a cidade de Eunápolis, onde ficava a FUNAI. O representante da FUNAI, o sr. Chicão recebeu Israel e aconselhou a não entregar a terra. Mas ele pediu que a FUNAI desse cobertura para ele na questão do território, porque dois madeireiros estavam o ameaçando. Como contava o próprio Israel

“Eu fiquei morando na beira da estrada e toda vez que eles (madeireiros) vêm, trazem espingardas de cartucho e cachaça. Me chamava para conversar, encostava a espingarda no pé de manga e o litro de cachaça eles colocavam no chão e pedia pra mim tomar”.

Naquela época Israel não bebia e dizia para os madeireiros que não queria beber. Outra vez eles vieram novamente e deixaram a cachaça com Israel, mas ele usando de esperteza jogou fora. Algum tempo depois a FUNAI chamou os dois madeireiros para comprovar sobre os documentos, porque se eles comprovassem que a terra eram deles, a FUNAI pagaria pelas cabanas que foram feitas, e eles ficariam com a terra. Mas eles não apresentaram nenhum documento para comprovar que tinham posse da terra. Diante desse fato, logo o delegado da FUNAI tomou providências sobre o caso, deixando bem claro para eles que se continuassem mexendo com os índios de Mata Medonha os levariam presos. Eles se intimidaram e não voltaram mais no território de Mata Medonha, mas sempre quando encontravam Israel em outro lugar, as ameaças surgiam.



Israel só sentiu-se totalmente protegido depois que os madeireiros perderam as terras. Naquela época a FUNAI se responsabilizou para defender os índios que ali estavam.

Posteriormente a FUNAI enviou um telegrama a Israel, onde declara a identificação e a delimitação da terra de Mata Medonha como território indígena como segue a imagem abaixo.

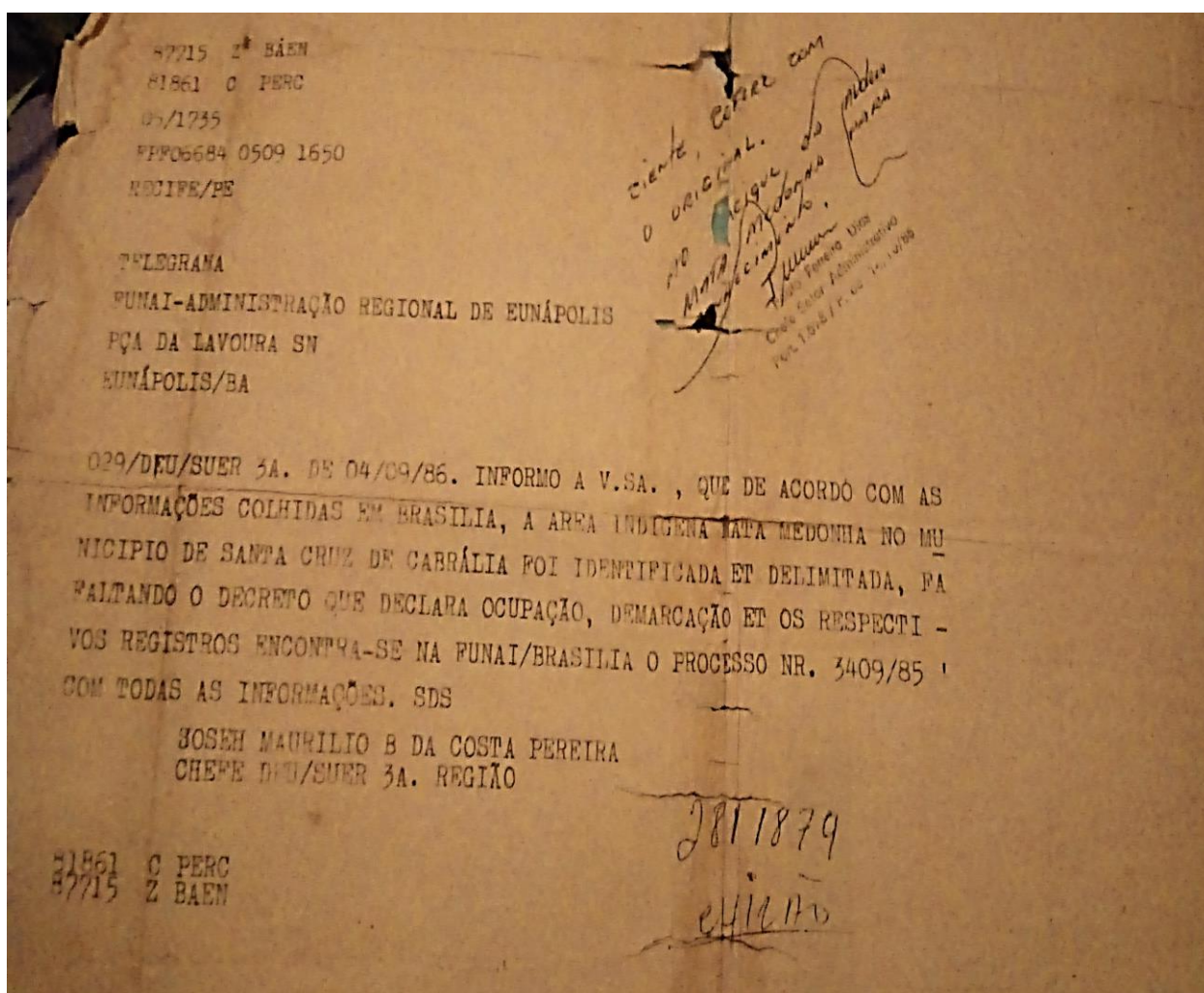


Figura 6: Documento que identifica e delimita o território de Mata Medonha como terra indígena. Fonte: Arquivos pessoais

Essa documentação tem por data o ano de 1986 que é uma declaração de posse do território da aldeia Mata Medonha. Quando Israel recebeu o documento da terra de Mata Medonha, esse documento ficou em sua responsabilidade. Na data de 1988 o chefe da FUNAI, demarcou o território que hoje é Mata Medonha como área indígena. Em 2005 um ofício da FUNAI endereçada as autoridades



governamentais também informavam sobre a delimitação e demarcação da aldeia Mata Medonha.

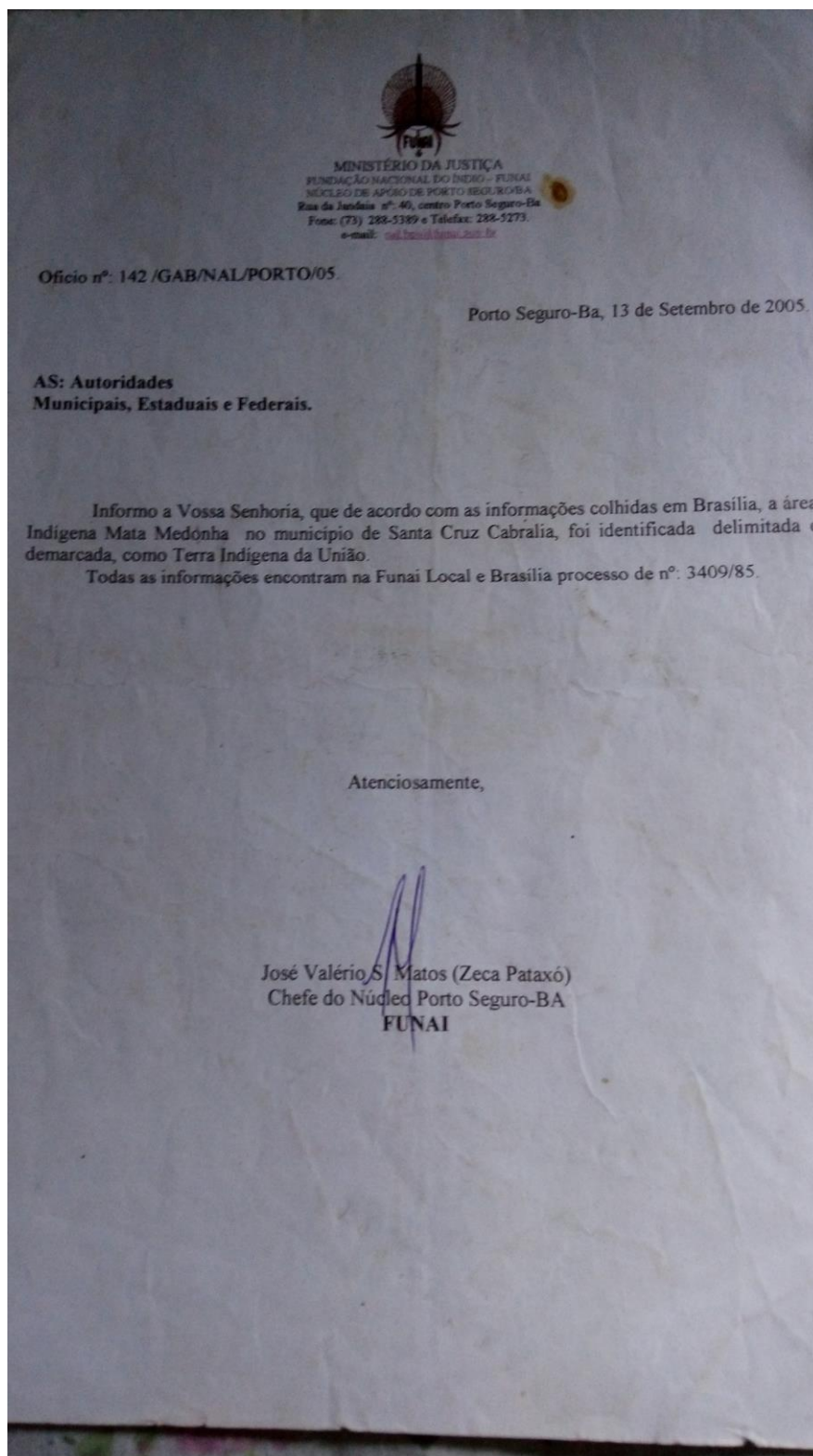


Figura 7: Ofício da FUNAI endereçada aos órgãos governamentais  
Fonte: Arquivos pessoais

## CAPITULO 2

### 2.1. A história de Israel a partir do relato de senhor Josué Máximo



Figura 8: Imagem de Israel Guedes  
Fonte: Arquivos pessoais

Israel morava no Rio do Caí, município de Prado - BA. Seus pais tinham uma fazenda chamada Dona Rita. Depois que seus pais morreram, os filhos venderam a terra e cada um seguiu caminho. Israel saiu do Rio do Caí em Cumuruxatiba e foi para Barra Velha. Morou em Boca da Mata e depois foi que ele veio para Mata Medonha. Acompanhei Israel como liderança em 1986, quando viemos para essa área aqui em 1986, mas eu já conhecia ele há muito tempo, como liderança aqui com nós foi em 86. A gente levantou essa aldeia aqui, nós estávamos presente com ele nessa aldeia de Mata Medonha. Israel é antigo de outras aldeias e a vinda dele em Mata Medonha, era porque não tinha espaço, por que ele trabalhava em roça, era agricultor velho na terra. Então como ele conhecia muita gente, aí ele encontrou essa área aqui para poder trabalhar como agricultor (Fala do sr. Josué).

Desde a conquista da terra, Israel continuou nas lutas por direitos, mas Israel buscava interesses da comunidade em viagens, movimentos e etc. Sua esposa Maria, conhecida na aldeia como Josefa, era o seu apoio, amiga, mãe de sete filhos que teve com esse guerreiro, formando assim quatorze ao todo. Mas não parou por aí, juntos criaram duas netas e por último adotou uma criança, e criou como seu filho. Formando assim dezessete filhos.

### 2.2. O que as pessoas dizem sobre Israel

Israel era o vice –cacique da aldeia Mata Medonha e exercia um cargo de liderança. No entanto, o respeito das pessoas por ele não está relacionado apenas a sua função, mas também na maneira com que ele tratava e cuidava

das pessoas. Mesmo após deixar a liderança da aldeia, Israel era muito respeitado e tido como líder.

**Sr. Sinival:** Para falar de seu Israel eu nem me sinto tão competente, foi uma pessoa íntegra, boa de lidar com ele, pessoa que gostava muito de conversar com a gente, de aconselhar, não tinha nenhuma desavença, tanto a gente quanto ele nos entendíamos muito bem. Nunca foi pessoa de ser assim autoritário, apesar dele ter um papel de liderança. Muito conversador, muito conselheiro. Exercia um papel de liderança na comunidade, algum tempo depois não era liderança, mas toda comunidade o respeitava, eu tinha ainda como um líder.

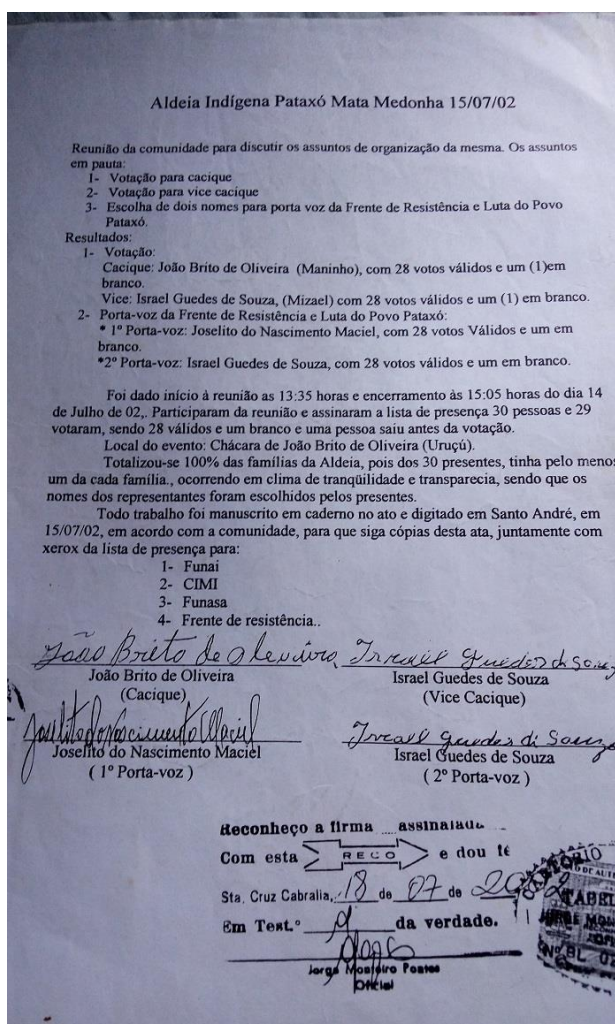


Figura 9: Ata de reunião sobre a votação do cacique e vice-cacique da Aldeia Mata Medonha  
Fonte: Arquivos pessoais

Por ser também um dos anciões da comunidade, as pessoas tinham todo respeito por ele. No tempo de sua liderança, lutou muito pela a comunidade e quando deixou de ser continuou com as suas preocupações com a comunidade.

Ele também sempre estava à frente dos eventos culturais que tinham na comunidade como os *awês* (que é uma dança).

**Sr. Sinival:** Eu conversava muito com ele a respeito das vivências da comunidade, mas ele sempre falava das preocupações que ele tinha com a comunidade. E lembro muito bem em uma dessas conversas, ele falava ao observar as nossas dificuldades, quando a gente estudava lá na cidade, ele dizia que um dos seus sonhos era ter filhos, netos e talvez até bisnetos estudando aqui na aldeia e não passando as dificuldades que a gente passava. Ele era uma pessoa que gostava de liderar, gostava de conversar com as pessoas aconselhando. Seu Israel era uma pessoa que eu respeitava muito, ele também tinha grande respeito por mim, com a minha pessoa. Sobre os eventos culturais ele sempre estava de frente, participando também, estava sempre também em linha de frente, nunca deixou a comunidade na mão e sabia como liderar um grupo. Faleceu mas deixou um legado muito grande, muito importante para que fosse seguido, tanto pelos familiares, quanto para a comunidade. Pelo que o conheci ele, era bom esposo, bom pai, uma pessoa que talvez a gente fica sem encontrar palavras para descrever como ele era, e o quanto ele se interessava e se importava com as pessoas no geral. Falando na parte cultural, ele sempre cobrava de mim sobre a aula de cultura que é o *patxõhã*. Se a gente não teria nenhum projeto, nenhuma coisa para se trabalhar em relação a questão da cultura, da língua. Aí eu falei para ele que eu estava buscando, procurando, reivindicando para colocar. Sobre os eventos culturais ele sempre estava de frente, participando dos *awê*, dos movimentos que tinha na comunidade e das festas culturais. A questão da cultura seu Israel estava sempre em linha de frente.

Israel também era conhecido como um homem trabalhador. Vivia da caça e da pesca, mas era nas plantações de mandioca, feijão e milho que tirava maior parte de seu sustento. Ele também fazia farinha e viajava para vendê-la. Em suas viagens aproveitava para procurava coisas novas para comunidade.

**Sra. Conceição:** compadre Zael (como gostava de chamar as pessoas mais próximas) a gente sabe assim um pouco porque, a gente conhecia o sistema dele, o modo de trabalho dele. vivia na luta de roça dia-a-dia, trabalhando, lutou muito, fez muito plantio de mandioca, feijão, milho, porque ele já trabalhou muito quando era vivo. Fazia farinha e dava na meia (exemplo: o dono entra com o produto e uma outra pessoa entra coma mão de obra, e no final, as duas pessoas sai com a mesma quantidade). Vivia roçando, fazendo plantios, fazendo as coisas dele. Tudo o que ele tinha foi feito juntamente com a esposa. Então ele trabalhou muito, vendia farinha e viajava também. E faleceu trabalhando, porque disseram que ele estava apanhando aroeira em sua casa quando isso aconteceu. Foi de repente essa morte dele. No trabalho, conversando com o moço



da aroeira e faleceu tão depressa. Foi cacique, conversava muito com as pessoas, com todo mundo que estava na reunião e com todos da comunidade. Estava sempre em reuniões, ajudou muito o pessoal, deu muita força a comunidade, ele que procurava as coisas, andava fazendo viagens, sempre procurava as coisas para a comunidade. Foi muito bom o que ele fez, trabalhou muito para fazer sua casa, farinha, suas plantações, vivia da pesca, sempre colocando rede para pegar peixe, vivia da caça, fazia mundel (um tipo de armadilha) e era nessa luta que eu sempre via ele. Era disso que ele vivia, de trocas de farinha, trocas de feijão, milho e tudo. Ele plantava de tudo, junto com a esposa dele. Então o que eu posso dizer é que foi cacique, ajudou muito a comunidade, deu muita força aos companheiros a aldeia. Ele que viajava mais os outros procurava as coisas para a comunidade.

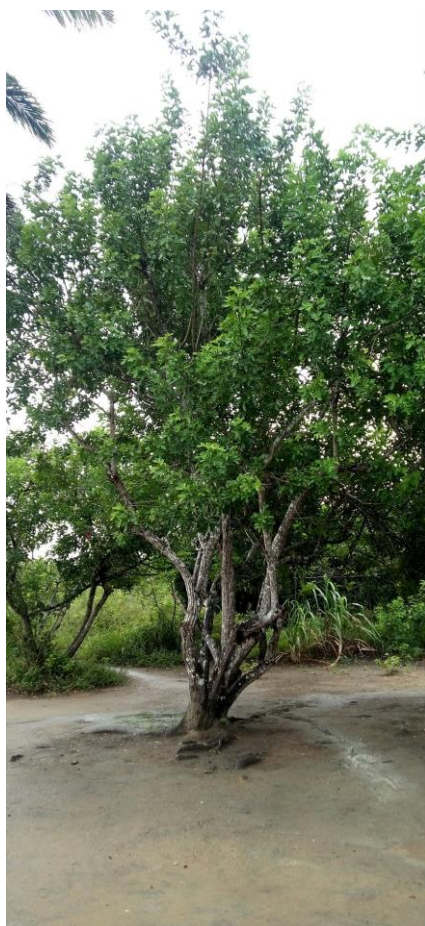


Figura 10: Pé de aroeira da casa de Israel  
Fonte: Arquivos pessoais

Israel era conhecido por seus conselhos e por sua sinceridade. Sua história de lutas e conquistas para a aldeia como liderança inspirou outros líderes como o senhor Josué que mesmo indo para outros lugares mantém na memória as lembranças dos trabalhos realizados por Israel a comunidade.

**Sr. Josué:** Ele foi uma pessoa muito guerreira, pessoa que viveu muito tempo conosco. Eu conheci ele desde 1970, e em 86 ele veio pra que. Aqui ele casou, teve filhos aqui nessa aldeia, os filhos dele moram todos nessa aldeia, são filhos dessa aldeia a gente considerava muito ele, aqui como líder. Ele, eu Maninho e Domingo era um dos mais velhos da aldeia. Nessa época eu não era liderança. Nessa época quem entendia mais sobre liderança era ele e meu irmão Baiara. Aí eu tive mais experiência com eles, porque que o trabalho de cacique é amar o povo. É fazer as coisas importantes para o povo, é fazer reunião, correr atrás dos benefícios. Então assim como liderança ele teve um perfil, como se já tivesse sido preparado para isso. Era uma liderança com um perfil muito resistente. Antigamente para ser uma liderança era aquelas pessoas mais velhas, e ele Israel (Israel era chamado assim por alguns amigos) era desse grupo, que orientou muitas pessoas aqui dentro da aldeia. Israel, Domingo Brito, Maninho e Baiara que foi o primeiro cacique esse grupo de anciões que eram as pessoas mais velhas do grupo. Eu acompanhei muito o trabalho dele aqui, foi um trabalho muito proveitoso, e aproveitamos esse perfil dele de liderança aqui dentro, porque ele fez muitas coisas importantes. Israel para mim, eu como uma pessoa mais novo que ele, desde o tempo que conheci ele, como eu falei uma pessoa lutadora, um batalhador. É uma pessoa que não tinha assim, preconceito com ninguém, uma pessoa sincera, para falar a verdade era muito sincero. Então assim uma pessoa que construiu uma família com sinceridade. Então uma pessoa que hoje não se encontra mais, mas para mim ele foi um batalhador mesmo, que fez tudo isso. Não tenho nada em dizer sobre Israel, para mim, apesar que eu mudei para outros lugares, mas ele ficou, construiu família aqui. Ele morreu mais, deixou as sementes aqui, plantou para nascer, e nasceu e continua nascendo.

Embora sempre fosse à Funai tratar assuntos relacionados a demarcação das terras e a agricultura ele também sempre estava envolvido em assuntos relacionados a educação e cultura. Viajava para Brasília e para outros lugares em busca de soluções para a aldeia. Ele também incentivava os mais novos a participarem de fóruns e seminários.

**Sra. Irene Maria:** o que lembro é das vezes que ele ia na Funai e muitas destas vezes ele ia pintado e sempre ia na sala de educação, mesmo quando iam tratar de assuntos sobre agricultura ou demarcação de terra. A lembrança que tenho dele se refere muito a cultura.

Nas apresentações ele se destacava, até mesmo pelas características de aparência, cantava e rameava com o coração e entusiasmo. Até onde me lembro, ele viajava com



os grupos formados para irem em Brasília em busca de soluções para as questões da aldeia e do povo ou povos porque normalmente iam também representantes pataxó Hãhãhãe e tupinambá. Na parte da educação ele era bem envolvido apoiando os jovens para participar dos encontros, seminários. Ele e outras lideranças indicavam os jovens para representar a comunidade nos eventos como fórum. Nas atividades no município então ele ia também com os demais da aldeia. O que me chamava mais atenção nele, era sua caracterização bem típica dos pataxós de Barra Velha. Foi onde eu o conheci.

Sua persistência e luta pelos direitos dos povos indígenas é lembrado por senhor Zezito que relata que Israel Guedes não media esforços para buscar o melhor para sua comunidade.

**Sr. Zezito:** Conheci seu pai desde Barra Velha, seu Israel foi uma das grandes lideranças de Boca da Mata juntamente com meu pai (cacique Firmo). Isso mesmo o Israel realmente é um homem muito trabalhador, o cara que lutava pelo direito dos povos indígenas junto com outras lideranças. Veio de Barra Velha para Boca da Mata e acompanhou meu pai várias e várias caminhadas para Brasília, Salvador e tudo quanto era lugar Isael ia em prol de buscar o melhor para sua comunidade. Mas digo a você que a importância maior é você realmente conhecer e saber a realidade da convivência de seu pai, ele só era pequeno, mas era um cara muito gente boa e um camarada tranquilo. Então acredito que Isael não está aqui mais entre nós, mais acredito que ele está muito satisfeito pelo o que ele já fez, de todo suporte junto a outras lideranças e a construção de uma nova família. Então digo assim para você e parabênizo a você por ser filha de Israel. Mais você pode ter certeza que seu pai foi um grande guerreiro, um dos caras mais importantes na época de ocupação de Mata Medonha.

### **2.3 A participação de Israel na conquista da aldeia e os documentos de comprovação**

O território de Mata Medonha não foi a única conquista de Israel. A escola dentro da aldeia também foi uma conquista de sua liderança. Junto com outras lideranças cobraram dos órgãos governamentais o ensino fundamental I e II na própria comunidade. Também reivindicaram por estradas, água tratada e energia. As conquistas não vieram da noite para o dia, demoraram anos, mas chegaram até a Aldeia de mata Medonha.

**Sr. Sinival:** ao terminar a quarta série, a gente teria que ir para a cidade estudar, e hoje temos o fundamental I e II na própria comunidade. Então esse foi um dos sonhos dele

que está sendo realizado. E ele graças a Deus ainda chegou a acompanhar a realização desse sonho em vida. E foi um dos sonhos dele e uma das preocupações, ele também participou dessa conquista. Quando você pede para falar um pouco das lutas, das dificuldades e das conquistas isso podemos associar em uma resposta; por exemplo: as dificuldades apareceram e daí apareceram as lutas e com as lutas é que se alcançaram as conquistas. Então essa foi uma dessas tantas outras que a gente tem hoje aqui, que antes era dificuldade no tempo dele. Junto com as demais lideranças e anciões da comunidade, sentaram, conversaram diante das dificuldades e partiram para as cobranças, para as lutas, para as idas ao município, prefeitura, ao estado, até a Brasília. Então daí vieram algumas conquistas. A questão da estrada: não tinha estrada, então com a participação dele surgiram as cobranças, e daí não foi um dia para o outro, foram muitos anos de cobranças. Depois tivemos a construção da estrada. Também veio a ponte que ele também participou dessa luta, dessa conquista, e tivemos a construção da ponte. Além disso, veio a água, que antes a gente bebia do rio, que não era tratada, depois o pessoal junto com ele percebeu as dificuldades, as doenças que estavam sendo causadas diante do consumo da água, então cobraram, fizeram documentos e aí com muito tempo depois veio a secretaria de saúde indígena (SESAI) que na época era Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e abriu o poço artesiano na comunidade. Aí depois veio a energia elétrica que ele também alcançou essa conquista e participou da luta e das dificuldades. Daí veio o pessoal e colocou a energia elétrica.

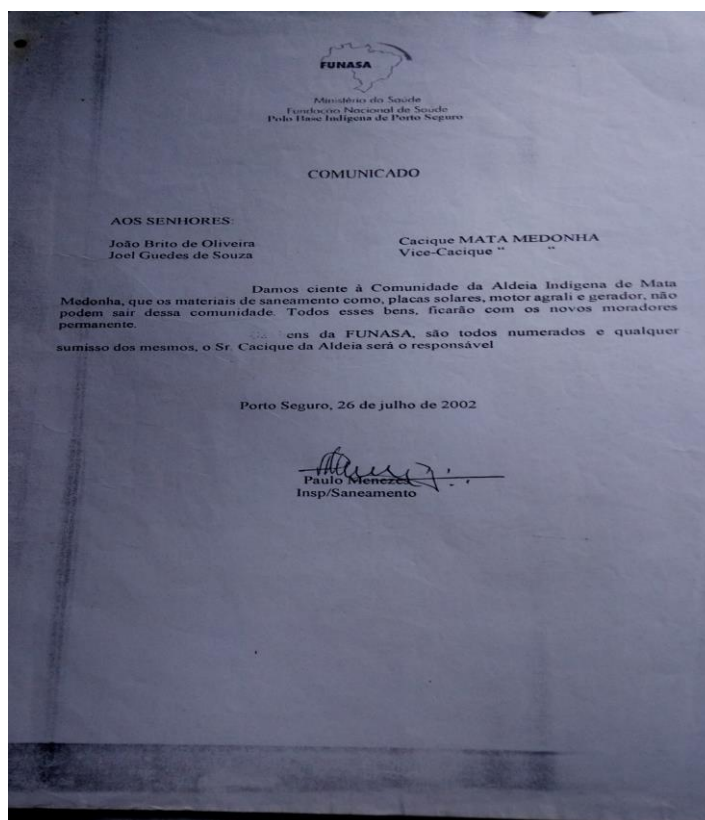


Figura 11: Documento da Funasa relacionada a compra de geradores e placas solares.

Fonte: Arquivos pessoais

Vindo de encontro a fala de Sinival, senhor Josué também expõem sobre as lutas e conquistas de Israel e da liderança de Mata Medonha. Destaca que a liderança de Israel, Baiara, Maninho e Domingo deixa uma mensagem para os mais novos.

**Sr. Josué:** (...) porque a coisa mais importante, foi quando ele entrou aqui em 86, onde nós colocamos roça em grupo, fazia mutirão, era uma pessoa que estava também no meio. Fazíamos barreiro de casa que antigamente era casa de taipa quando a gente começou, levando as coisas da comunidade em órgãos, falando que a gente precisava de ajuda, tivemos escola, tivemos em primeiro passo o território, terra demarcada, isso foi uma luta dele também, dos mais velhos, isso foi em 88, que aconteceu todas essas coisas. Em 1987 ele ainda estava de liderança representando a comunidade, aí em 88 começou todos esses bens que chegou nesta comunidade aqui. Bom, nós conseguimos porque naquele tempo os governos tinham mais um preparativo para os indígenas, considerava mais, considerava porque foi na data de 1988 que foi a primeira constituição aprovada do direito dos índios, e aí onde tinha essas lideranças que levava toda a demanda, porque na nossa aldeia nós precisava de escola, de posto de saúde, de saneamento básico, de casa, de energia que não tinha nada disso. Aí foi uma demanda, um recado que eles levaram da comunidade por essa aldeia, e aí hoje está tendo mesmo que ele já foi, outros já saíram, mas deixou para os mais novos, ele deixou para outras gerações. Então eu acho que teve muita conquista nisso aí, como faz Israel, Baiara, Maninho e Domingo, essa briga aí hoje tem: energia, água encanada, tem casa, posto de saúde, tem escola através dele também que correu atrás, então foi uma conquista que tivemos, dessas lideranças. Foi através deles que a escola foi construída, que através da escola veio professores, como hoje você é uma professora foi através dele e a gente agradece todas as lideranças, aos mais velhos, então isso é uma conquista que tivemos. Mas foi um bom trabalho que essas lideranças tiveram, o perfil de fazer essas coisas.

Israel enquanto liderança, juntamente com outras também reivindicaram a ampliação do território e a construção de um posto de saúde.

**Sr. Sinival:** Assim como essas conquistas, tanto na área da educação e saúde, que também veio a construção do posto de saúde, ele alcançou. Não estou lembrando de todas as conquistas, mas aí tem as coisas eu citei. A questão do território que é um ponto que ele também defendia muito, por que ao perceber que a comunidade estava crescendo e que o território/espaco/aldeia estava ficando pequena para a quantidade de pessoas. Então ele quanto liderança junto com os demais tomaram a iniciativa de estarem reivindicando junto com a Funai o aumento e a ampliação do nosso território. E

aí foi quando na época ele fazia parte do quadro de liderança, então foi quando ele ajudou a liderar o grupo, a comunidade que entrou na retomada que fica do outro lado do rio. Ele liderou uma equipe, um grupo juntamente com ele, então entramos na retomada e graças a Deus conquistamos aí o território, tempo depois foi demarcada. Com o passar do tempo, entramos em uma outra retomada que ele também participando lá, de frente juntamente com a comunidade. E é essa retomada que estamos até hoje, lutando ainda, continuando na luta para que seja demarcada. Mas ele sim foi o ponta pé inicial, mas fazendo parte desse ponta pé inicial. Então essas foram algumas das lutas, documentários, alguma das conquistas que eu falei.

A senhora Maria José relata que um dos motivos que fizeram com que Israel fosse eleito vice- cacique é porque ele buscava soluções para os problemas da aldeia. Diz que ele prestava atenção nas necessidades da comunidade e sempre viajava para Brasília conversar com os representantes da Funai.

**Sra. Maria José** Na época que ele viajava, ele saía daqui da aldeia Mata Medonha caminhando até um trevo chamado pederneira para pegar um transporte. No tempo em que ele ainda não era liderança, muitos projetos ele conseguiu para a comunidade, ia em busca de alimentos com a ajuda da Funai, conseguiu transporte para buscar esses alimentos para todos da aldeia, conseguia esses alimentos também com o Cimi, traziam até a ladeira da aldeia e de lá Zael juntos com outras lideranças. Colocavam as cestas nas canoas, travessava o rio para poder chegar até a comunidade de Mata Medonha, nessa época estrada não tinha e o único meio de ir e vim era pelo rio. A Funai nessa época ajudava e Zael estava de frente nessa luta e ele ajudou muito a aldeia. Quando se tornou vice- cacique continuou com essa luta de buscar melhorias para a comunidade, Zael cansou de ir para Brasília para conversar com os funcionários da Funai e o delegado, ele era uma pessoa que não media distancia para sair, se chamasse ele, estava pronto para viajar, ele não estava olhando se tinha estrada ou se era longe para pegar uma condução, de certo que ele viajava. Mesmo tendo dificuldades ele não deixava de ir fazer a caminhada, ele era moderno e forte nessa época. A comunidade achava bom o que ele fazia, uma pessoa boa, a comunidade colocou ele de vice- cacique, porque ele ia em busca mesmo, ele estava sempre na Funai, se via alguma diferença dentro da comunidade, ou se entrasse alguém diferente na aldeia, um branco que quisesse ficar por aqui ou mesmo que acontecesse algo na aldeia, ele estava de frente para ajudar a comunidade nessa questão. Ele cansou de correr atrás e ajudar mesmo, então a comunidade cansava de falar que ele era uma liderança que buscava mesmo as coisas para o povo. Ele levava um dia, dois até três dias em viagens, mas quando ele chegava ele trazia resposta e tudo resposta boa, porque ele dizia que tinha amor pela a comunidade e a comunidade por ele, pelo que dizia, pelo que falava. Quando

chegava dos lugares reunia todos para fazer reunião, contava o que foi falado enquanto estava em viagens e comunicava as lideranças o dia que ia viajar novamente. Tem pessoas aqui na aldeia que ainda fala bem dele, por ser uma pessoa inteligente, boa, uma pessoa que prestava atenção a comunidade.

Mas foi uma pessoa que quando Deus levou, fez muita falta para as pessoas daqui da aldeia e para as de fora também que conheceu ele. Falam que Zael era um dos mais velhos da aldeia e que trabalhou bem na aldeia como liderança e até hoje o povo sente falta dele. Depois que ele ficou mais de idade a comunidade queriam colocar ele de cacique novamente, só que os filhos não aceitaram porque ele já estava com 82 anos e não iria aguentar mais fazer o que um cacique faz. Mas a vontade de Zael era ser cacique, era trabalhar para a comunidade novamente.

## 2.4 A relação de Israel com a família

Nos relatos dos amigos e de membros da família Israel sempre é visto como um bom pai e marido. Trabalhador, sempre trabalhava no plantio para sustentar sua família.

Sua esposa Maria José conta um pouco da retomada das terras onde hoje é Mata Medonha e dos trinta e quatro anos em que viveram juntos.

**Sra. Maria José:** Eu fui morar com ele, por ser um homem excelente, bom pai ele criou minha filha, daí por diante, fomos dando continuidade, crescendo nossa família, nossos filhos. Com ele tive mais sete filhos, nasceram todos aqui na aldeia Mata Medonha, cresceram todos aqui e eles também casaram aqui e estão vivendo até hoje na aldeia. E ele só não está aqui porque Deus levou, mas graças a Deus moramos aqui na aldeia um bom tempo juntos. Ele era um bom pai de família, para os filhos, era muito trabalhador e ele junto com outros fundaram a aldeia de Mata Medonha e estamos aqui até hoje, daí veio chegando mais índio e formando mais família e hoje está uma aldeia formada né, por eles, inclusive Zael que foi um dos primeiros. Como era só mata, mata, mata mesmo eles e Zael meteram o machado para dentro, para fazer casas e nessa época a casa era feita de palha conhecida como rancho. Era chimentilhada de palha ao redor e a cobertura era de *marimbú*. E muitas vezes eu e ele colocávamos os filhos na frente e ia contar histórias na casa dos nossos compadres e para clarear a estrada usávamos um tipo de candeeiro conhecido como fifó (feito de lata e perfurado no centro da lata e colocado uma vela dentro). Ele não é mais vivo para contar essa história, mas nós vivemos juntos aqui nessa aldeia a trinta e quatro anos e nossas vidas foi de muitas lutas e de conquistas também. Ele gostava de caçar, de pescar, de colocar jequiá e tapagem e era um meio de sobrevivência também. Com dois anos que estávamos

morando aqui na aldeia, nós já tínhamos feijão plantado, milho e mandioca e bom para colher. Zael era muito trabalhador e eu ajudava ele também, cansamos de deixar os filhos em casa sem nada e ir para a rua vender farinha, para comprar alimentos para os filhos. Sei que ele batalhava mesmo e de certo que ele junto com os outros ganhou essa aldeia de Mata Medonha, graças a Deus e as lutas dele.

Dona Maria José relata que Israel nunca bateu em seus filhos e que lhe ajudou na criação dos quatros filhos de seu primeiro casamento. Revela também que nos últimos anos de sua vida gostava de estar com os netos



**Sra. Maria José:** Foi um ótimo esposo para mim, foi um pai excelente, um bom pai para os filhos, nunca triscou a mão nesses filhos, tinha o maior amor pelo os filhos dele e os que não era dele, porque ele criou quatro que não era dele que foi Vanusa, Romildo, Ana e Gabriel, Até o ponto que ele morreu Gabriel tinha oito anos. Tanto com os filhos dele, quanto os que ele criou nunca foi de judiar ou bater, morreu e não soube o que era dar um tapa nesses filhos. Piorou os netos que era um amor com eles, gostava muito de agradar os netos, dava presentes e quando amanhecia ele ia na casa das filhas para ver os netos.

Figura 12: Filhos e netos de Israel Guedes  
Fonte: Maria José

Segundo dona Maria José, Israel se preocupava com a família, nunca deixou faltar nada. Conta que ela e ele trabalhavam na roça para que os filhos tivessem o que comer. Conta que quando foram morar juntos Israel construiu sua primeira casa de palha ao redor e coberta de lona. As camas eram feitas tarimbadas (um tipo de cama) e os colchões eram feitos de capins que colocavam dentro de sacos. Relata que ele não tinha muito estudo, mais incentivava os filhos, ajudava na escola, e conversava muito com eles quando ia para a escola e recomendava que eles não brigassem.

De manhã cedo ele ia à casa das filhas ele gostava de abraçar e cheirar as filhas. Quando ia às casas das sobrinhas era só elas o verem aparecer que elas



pegavam ele de cheiro, de beijo e falavam: “É tio chegou!” E ele abraçava elas também.



Figura 13: Israel na casa das sobrinhas na Aldeia Coroa Vermelha.  
Fonte: Iricelma Guedes

. Vanusa filha de dona Maria José, também fala do carinho de Israel pelos filhos. Conta que ele era muito carinhoso e não fazia distinção entre os filhos. Conta que mesmo ele sendo seu padrasto sua relação com ele era de muito afeto.

**Sra. Vanusa:** Eu como filha dele, desde que eu me lembro da parte que convivi com ele, não tenho o que falar dele pela a criação que me deu. Hoje em dia do jeito que a gente vive e vê as coisas é admirável a forma que ele me criou. Não foi pessoa de esta espancando, batendo, pai não era de toda hora está batendo em nós. Não fazia acepção entre os filhos dele com a gente, o mesmo amor que ele dava os meninos que era filho dele, ele dava a eu do mesmo jeito, tinha aquele carinho. Não me negava nada, e sei que até os últimos dias que eu convivi com ele, eu agradeço a Deus pela a vida dele, porque eu creio que se fosse outro padrasto, só se fosse permitido por Deus para fazer o que ele fez, um pai exemplar. Se fosse pele boca de pai eu nunca sabia que eu não era filha dele, vim saber com onze anos que foi pelo meu irmão José, ele me chamou e falou: Vanusa vem ver quem é o nosso pai, e daí eu conheci o meu pai de sangue, não tive raiva, nem rancor de nenhum dos dois. Aí fiquei com dois pais, pai Israel e pai Manoel. Ainda me lembro que pai Israel tinha um costume de fazer com nós, ele colocava café na boca dele, depois colocava na boca da gente, e isso eu me lembro até hoje.



Figura 14: Imagem dos filhos de Israel  
Fonte: Maria José

Senhor Antônio Guedes, irmão de Israel, também conta um pouco de sua convivência com o irmão. Fala de sua relação amistosa com Israel e de sua separação quando cada um foi morar em um lugar diferente.

**Sr. Antônio Guedes:** Então a informação é assim, nós tínhamos pai e mãe e morávamos todos juntos. Meu pai nos criou nós, mas veio a falecer. Aí minha mãe ficou com a gente. Quando pegamos idade todo mundo se separou. Aí cada um fazia um barraco, uns já saía para outro canto, quem tinha idade casava, quem não tinha ficava dentro de casa. Nós não tínhamos trabalho, aí nós íamos pescar, outro já colocava um mundel, outro já colocava uma roça, o batido era esse, a história é esse aí. No começo nós moramos perto de Barra Velha, o nome do lugar chamava Ponto Chique e Riacho Grande. Nós vivíamos bem, tanto eu como os irmãos todos, quanto Isael, Ercia, Vade, Maria José, Adalzira, Valcir, Benedita e eu que chamo Antônio. Nós vivíamos muito bem. Ninguém nunca bateu uns nos outros, nunca cortou, assim para dizer eu vou cortar os irmãos, nunca brigamos, ele morreu, mais acho que se ele tivesse vivo, iria dizer assim que todo mundo vivia bem. Naquele tempo tinha festa aí a gente ia para as festas juntos e nunca brigamos por isso, a gente respeitava as irmãs, respeitava uns aos outros. Nós éramos oito irmãos que meu pai deixou, morreu e deixou quatro homens e quatro mulheres, mas a criação foi boa. Depois todo mundo se separou cada um foi para um lugar diferente.

Depois de muito tempo Isael foi me procurar, Aí eu fui na casa dele, e ele veio na minha, aí eu descobrir que ele estava morando na Mata Medonha. Aqui na aldeia ele casou, teve filhos, mas eu acho que a forma que eles os criou junto com a mulher dele, foi boa também, ele não batia, criou os dele e os que não era dele e nunca espancou nenhum deles, quando ele esteve em minha casa, ele falou que gostava de todos. Ele esteve morando na aldeia Boca da Mata, aí passou um tempo por lá, e depois veio para Mata Medonha junto com o pessoal dos Marços (Máximo). Quando os nossos pais faleceram eu era pequeno e não conhecia nada e Isael e Adelzira eram os filhos maiores, aquele que podia criar uns aos outros criava, aqueles que não podia, ia pescar com o pessoal dos Cunha, levava eu e Valcir para poder



Figura 15: Antônio Guedes, irmão de Israel Guedes  
Fonte: arquivos pessoais

Antônio também fala do jeito carinhoso do irmão e comenta que em sua família as pessoas gostam muito de se abraçar.

Posso falar que Isael não era pessoa ruim. Era pessoa boa. Todos nós fomos pessoa boas, eu, ele as nossas irmãs chamada Vade, Adelzira e os outros. Éramos muito bons, todo mundo gosta da gente. Você vê que só um defeito que nossa família tem, tudo de nós é só abraçar, se nós não abraçar não tem nada feito. Isael é mesmo que eu, vai chegando na casa de nossos parentes vai abraçando, se eu não abraçar, para mim eu não conheço aquela pessoa.

É meu irmão, mas foi uma pessoa boa, desde que ficou rapaz ele foi uma pessoa trabalhadora, não mexia naquilo que não era nosso. Desde menino minha mãe nos

ensinou, quando ela colocava uma panela no fogo nós não mexíamos, esperava ela chegar para a gente almoçar. Essa foi nossa criação.

**Sra. Josélia** Muito me orgulho em dizer que sou filha dele, no nosso tempo de infância ele sempre foi um pai presente, um pai amoroso. Sempre foi um pai assim, que quando chegávamos da escola com alguma atividade, ele era de chegar e perguntar se tinha alguma atividade para fazer. Ele ensinava, sentava com a gente, tinha aquela boa vontade, tinha paciência de sentar e explicar e nos ensinar aquela tarefa. As vezes a gente nem sabia, as vezes ele ainda pegava pesado mas porque nos amava. Então daí nós fomos crescendo e vendo aquele amor que tinha por cada um de nós. Quando a gente adoecia, gripava ele tinha aquela preocupação de estar fazendo remédios como xaropes, banhos, chá com ervas naturais. Lembro também que ele tinha um carinho imenso, foi um pai rígido, mas porque queria o nosso bem, ele sempre nos aconselhava, nos ensinou o caminho certo. Ele nos acostumou de toda vez que ia beber café de manhã cedo, ele colocava o café na boca dele, esfriava e depois colocava em nossa boca, é tanto que a gente via ele com o copo na mão, a gente começava a pedir a ele o café, mas não queríamos no copo, nós queríamos de sua boca, porque já era um costume que ele tinha colocado em nós. O amor que ele tinha não era só com um, mas com todos, porque somos sete irmãos, dele com minha mãe. Aí cresci, cheguei na minha adolescência e nós tínhamos um costume de todo ano festejar, de dançar, se divertir e as vezes nós amanhecíamos o dia com ele.



Figura 16: Filhas de Israel e atuais professoras da Aldeia Mata Medonha.  
Fonte: Maria José

E então chegou a época que eu casei, passei uma temporada fora da aldeia, depois que ele chegou mais para a idade, foi envelhecendo, eu me preocupei de ficar longe dele. então eu vim para perto dele e da minha mãe e todos os meus irmãos. Tínhamos um costume de todos os dias pela manhã, tomar café na casa dele, ninguém tomava café nas suas casas, mas cada um trazia um pão, biscoito, beiju, leite, enfim e na casa do meu pai nos aguardava o café. E a conversa era tão boa, que a gente as vezes passava toda a manhã e quando chegávamos em



nossas casas era praticamente meio dia, mas a gente tinha aquele prazer de estar junto dele e ele ficava muito feliz de estar com todos os filhos por perto. E sempre teve assim, um carinho, que nos pegava, nos beijava, cheirava nós e minha mãe as vezes até falava assim: Zael tem um costume de está cheirando as meninas. Mas a gente via assim, como uma forma de carinho. Sempre foi um pai presente, tinha suas viagens que fazia para a comunidade, mas estava de volta as vezes no mesmo dia, e quando ele voltava era maior alegria.



Figura 17:Filha de Israel em festejo do dia do índio  
Fonte: Josélia de Souza

Josélia também relembra dos tempos que não tinha energia na aldeia e das histórias que Israel contava. Também conta com orgulho que ela e suas irmãs são professoras na aldeia graças ao incentivo e dedicação de seu pai.

Ele sempre nos ensinou a batalhar e conseguir as nossas coisas, com o nosso suor (trabalho), hoje eu guardo dentro de mim, me orgulho muito do que ele me ensinou. Hoje eu sou uma professora na minha aldeia, onde moro. Então me orgulho muito de ser quem sou e me orgulho de ter tido alguém, um orientador na minha vida que foi meu pai, que sempre me orientou para o bem. Hoje eu queria que ele estivesse aqui, para ver tudo isso, vendo o meu esforço, para ele contemplar que tudo isso foi obra dele, o que eu faço hoje, o que eu passo hoje para os meus alunos, eu lembro de tudo o que ele me ensinou. Então eu agradeço a Deus por ter tido ele na minha vida como meu pai, eu sinto muito orgulho de ser filha dele. dentro da aldeia ele foi uma liderança muito forte, que estava junto quando iniciou a aldeia. Lembro que ele contava muitas histórias, como não tinha energia na aldeia, nós dormíamos tarde, ficávamos só olhando a lua bem clarinha, pai fazia a fogueira, sentávamos em volta dela e ele começava a contar as histórias, e assim ficávamos por muitas horas mas minha mãe e ele. Hoje faz dois anos (em 2017 fez dois anos) que ele faleceu e eu sinto muito a perda dele, até hoje eu sinto, as vezes eu me

emociono ao pensar nele, sinto muitas saudades dele. mas sei que o que ele me ensinou está guardado em meu coração, nunca vou me esquecer o que ele fez, o que falou comigo. E hoje tenho certeza que onde ele está é um lugar melhor que esse e se ele estivesse aqui iria se orgulhar de mim e das minhas irmãs que também são professoras aqui na aldeia de Mata Medonha, porque o que somos hoje, nós agradecemos ao nosso pai, pela dedicação. Meu pai é meu herói, meu pai foi um guerreiro e ainda é, vai ser sempre aquele pai presente, mesmo estando longe, vai está sempre presente dentro do meu coração. E se ele estivesse aqui eu daria um beijo e um abraço bem forte nele e diria para ele que eu amo muito.

### **CAPITULO 3**

Neste capítulo, eu Valdirene, escrevo com minhas próprias palavras como está a aldeia atualmente, e as conquistas de Israel na comunidade.

#### **3.1. A aldeia que Israel ajudou a conquistar**



Figura 18: Aldeia Mata Medonha nos dias de hoje  
Fonte: Arquivos pessoais

Na atualidade a aldeia de Mata Medonha hoje, há uma grande quantidade de famílias e pessoas, devido a esse crescimento na comunidade o nosso território também cresceu e continua crescendo. Atualmente temos uma escola construída com quatro salas, banheiros, cantina e inclusive uma dessas salas funciona como secretaria. É um avanço que tem acontecido na escola da aldeia Mata Medonha é que todos os professores, o diretor, os funcionários no geral



são indígenas da própria comunidade. E esses profissionais como os professores e o diretor todos tem formação. Uns graduados pela FAE /UFMG por meio do FIEI, outros em pedagogia na faculdade FERA, outro no IFBA e na UNEB. Foi através da persistência de nossos anciãos que esse avanço aconteceu, inclusive esse foi um dos sonhos de Israel e essa luta foi dele também. Temos hoje o posto de saúde, um espaço da associação. A juventude pataxó de Mata Medonha se reuniu e realizaram um dos sonhos dos nossos velhos, que era trabalhar com o etno-turismo. Atualmente esses jovens já recebem visitas de pessoas que tem vontade ou curiosidade de conhecer nossa cultura. Para trabalhar com o etno-turismo, esses jovens tiveram uma preparação das lideranças por meio de um curso profissionalizante oferecido em um projeto e destinado aos jovens pataxó em 2014. Eles abraçaram a causa e fizeram valer a pena o esforço, o incentivo. Hoje estão desenvolvendo este trabalho na aldeia o que aprenderam.



Figura 19: Juventude pataxó da Aldeia Mata Medonha  
Fonte: Rondinei Oliveira

Hoje a aldeia está com aproximadamente 82 famílias e por conta desse aumento na comunidade, entramos em uma outra retomada, onde estamos lutando e resistindo para que aconteça a demarcação do nosso território. Hoje a aldeia de Mata Medonha tem recebido vários projetos com a ajuda e o apoio de nossas lideranças. Nossa liderança tem lutado, reivindicado e viajado para que os nossos direitos sejam cumpridos. Na comunidade de Mata Medonha é preservado nossos costumes, nossa cultura e as tradições do nosso povo

pataxó. As lutas, resistências e as conquistas também fazem parte das histórias do nosso povo pataxó de Mata Medonha.



Figura 20: Jovens da Aldeia Mata Medonha na preservação da cultura  
Fonte: Arquivos Pessoais

Em primeiro lugar para que tivesse aldeia, vem a questão do território. O espaço que Israel defendia e lutou muito nessa questão. Até sofreu ameaças para que hoje o território se tornasse a aldeia Mata Medonha. Para que o território fosse demarcado e delimitado, a participação e a contribuição de Israel foram fundamentais para a comunidade de Mata Medonha.



Figura 21: Israel presenciando a reintegração de posse no território de Mata Medonha  
Fonte: Moisés Ferreira

Depois que o território foi conquistado veio outras demandas como a estrada. No início só passava pessoas a pé, com objetos na cabeça e nas costas, tendo que enfrentar brejos com muita lama, correndo o risco de cair e perder o que

estava levando como farinha, feijão, óleo e outros, ou até mesmo se machucar como já aconteceu muitas vezes. Tinha idosos, mulheres e crianças que passavam por ali também.

Outro desafio em relação a estrada era a construção de uma ponte. Havia apenas uma pinguela (passagem improvisadas com tábuas) que as pessoas passavam por cima. Elas balançavam muito e eram perigosas. Com esforços e idas e vindas a órgãos responsáveis, Israel juntamente com as lideranças conseguiram a construção da ponte e a melhoria da estrada.

Vem a questão da energia, água encanada que hoje temos em nossa aldeia, apesar de muita documentação enviada a Funai e Coelba<sup>6</sup> para que pudéssemos ter energia elétrica, hoje a aldeia está iluminada.

A questão da educação, de tanto acionar órgãos responsáveis, que hoje em nossa comunidade temos uma escola. A escola é feita de tábua e foi a comunidade e lideranças que construíram para as crianças terem onde estudar. Israel ajudou na construção, além das viagens que fazia para cobrar uma construção da escola. Hoje temos a escola com quatro salas e a implantação do fundamental II.

Hoje temos a equipe médica duas vezes na semana e um posto de saúde reformado. Ainda há melhorias a serem feitos na questão do posto, mas o que temos hoje, só foi possível por que alguém lutou, persistiu, passou até muitas vezes fome em suas viagens.

Israel foi um dos primeiros a chegar Mata Medonha e fazer história. Foi guerreiro, sofreu ameaças, defendeu o território com muita garra. Muitos jovens que hoje são lideranças em Mata Medonha, lembram da história dele e de outros também que foram lideranças, que deram o melhor pela a comunidade. Sua trajetória, hoje serve de incentivo aos mais novos. Israel sempre acreditou na juventude, tinha vários sonhos, um deles era ver os jovens de Mata Medonha ocupar seus espaços enquanto indígenas. Esses sonhos tornaram-se realidade, hoje a maioria dos jovens tem seus espaços conquistados. Valeu a pena acreditar e

---

<sup>6</sup> Coelba tem a função de distribuir energia



seguir em frente, com todo esse incentivo. Israel Guedes conquistou espaço, lugar e território dentro de nós.

Segundo o senhor Josué para ser um líder antigamente era necessário ser pessoas mais velhas e das lutas. Hoje os jovens estão entrando mais, naquele tempo colocavam o líder mais velho pelo costume e pelo saber. Hoje os mais novos estão entrando pela teoria e pelo conhecimento. E ele Israel orientou muitas pessoas aqui dentro da aldeia.



Figura23: Momentos importantes de Israel para a aldeia  
Fonte: Arquivos pessoais

#### **4. ISRAEL E SEU CONHECIMENTO DAS ERVAS MEDICINAIS**

O uso das ervas medicinais para nós pataxó, é de grande importância e é uma forma de valorizar os nossos costumes e aprender com os nossos ancestrais. Quando o assunto é sobre o uso de ervas naturais, lembro-me de meu pai Israel nessa prática com as ervas, os seus costumes, seus conhecimentos de estar preparando em seu dia-a-dia.

Era raro alguém dizer que Israel ia ao médico. Desde criança presenciei muitas vezes ele fazendo chá, banhos, xaropes, lambedor e as ervas que servia para tirar o sumo que ele tirava e colocava em feridas ou em machucados. Toda vez que ele gripava ou começava uma tosse ele mesmo preparava seu remédio. Na nossa casa todos tomavam remédios naturais, pois ele tinha experiência com o uso das ervas.

Ele nos ensinava e assim toda a família foi aprendendo. Ele aprendeu com seus pais a quantidade de ervas e a forma que eles faziam os chás e ele passou este conhecimento para seus filhos. Em alguns momentos vinham até a casa de Israel pessoas da aldeia da Mata Medonha pedir mudas de ervas, folhas e até mesmo as receitas. Israel compartilhava não só as mudas e folhas, mas também seu conhecimento nessa área. Ele gostava muito de conversar com as pessoas e repassava o que sabia.

#### **4.1. O resgate do uso das ervas medicinais**

Em 2017 ao ver o uso dessas ervas diminuírem em nossa aldeia, foi apresentado um projeto na comunidade chamado "O resgate do uso das ervas medicinais". Comunidade/escola juntaram para colocar em prática esse projeto. O objetivo desse projeto era despertar e mostrar a comunidade a importância no uso dessas ervas.

A comunidade e os alunos prepararam os remédios e apresentaram como era o preparo, a quantidade que deveria ser ingerida e para que o remédio servia.



Figura 22: Apresentação das ervas medicinais  
Fonte: Arquivos pessoais

Foi formado uma mesa com as lideranças da aldeia e o diretor da escola que comentaram e acrescentaram informações sobre as ervas utilizadas.





Figura 23: Lideranças da Aldeia Mata Medonha em roda de conversa sobre o resgate o uso das ervas medicinais

Fonte: Arquivos pessoais

Ficou exposta uma mesa com vários tipos de remédios, preparados pelos os alunos e comunidade, cada garrafa tinha o nome do remédio e a planta que foi utilizada. E no final das apresentações foi servido os remédios como chá e xarope para a comunidade. O projeto foi um incentivo para os alunos, crianças, jovens e a comunidade em geral.



Figura 24: Mesa com a exposição dos remédios naturais produzidos pelos alunos  
Fonte: Arquivos pessoais

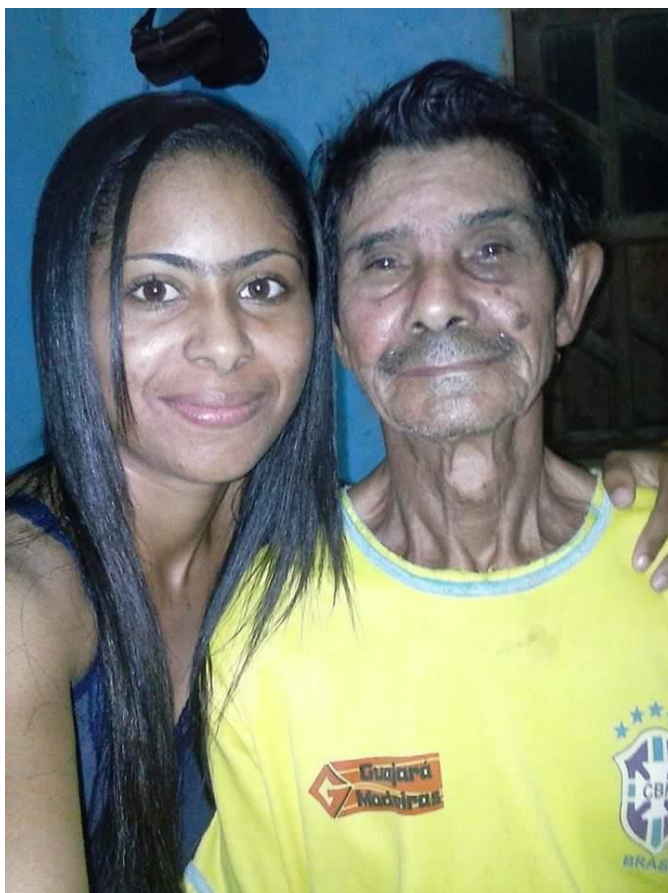
Mesmo sabendo que temos essas riquezas naturais e que este é um costume do nosso povo pataxó, tínhamos deixado de trabalhar com estas ervas. Porém após o projeto voltamos com essa pratica com mais força. Trazendo a memória os ensinamentos que Israel Guedes nos deixou em relação as ervas medicinais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Escrevo as conclusões deste trabalho do meu ponto de vista indígena e a partir dos conhecimentos que aprendi como filha de Israel.

As experiências de vida de Israel Guedes nos ensinaram muito sobre as ervas medicinais, sobre a família, sobre a comunidade e a escola.

Diante desses relatos, dessas histórias de Israel me fez perceber, a importância que tem a história de vida de um ancião, que marcou gerações, um povo, uma comunidade. Com seu jeito simples e corajoso enfrentou dificuldades com o objetivo de ajudar sua comunidade.



Como filha de Israel, professora, mãe, estudante e mulher, essa história me desafiou ser o que sou hoje. Tudo aconteceu através do seu incentivo e também com minha força de vontade. Seu apoio, seu incentivo me motivou muito nas minhas escolhas e nas minhas decisões.

Figura 25: Valdirene e Israel  
Fonte: Arquivos pessoais

Vendo os documentos sobre a vida de meu pai, vejo que alguns de seus sonhos, se tornaram realidade. Sonhos que foram conquistados a base de muita luta, seus ensinamentos e de seu amor por nós.

Contando e vivenciando a história de Israel, me fez perceber o quanto minha comunidade de Mata Medonha, acredita na juventude, de tornar-se um professor, um diretor, uma liderança de ocupar mesmo o espaço enquanto indígena e entre outros. Porque Israel acreditou na juventude e hoje acreditamos também.

Falar do curso de licenciatura da UFMG e relacionar com o apoio ou incentivo da família, posso dizer que tive todo tipo de apoio tanto dos meus pais quanto do meu esposo, que me dava forças e me ajudava da maneira que podia. Posso dizer que essa biografia servirá como referência, para as minhas decisões e escolhas, para o meu futuro. Através da biografia desse ancião procurarei ser mais sábia em relação ao meu modo de viver, como pessoa, como mãe, mulher, educadora indígena e comunidade.

Através das lutas e memórias de Israel, é importante conhecer a história desse povo que viveu de lutas e dificuldades, que fez histórias, que teve conquistas, mais que ainda preserva sua identidade, sua origem, a cultura, os costumes. A dança, a música, os movimentos, as lutas, as batidas do maracá, cada ritual, faz parte da valorização da nossa identidade enquanto povo indígena.

Relembrar toda a trajetória de vida de Israel Guedes, me faz pensar, o quanto ele lutou para que hoje a comunidade pudesse ter escola, água tratada, energia e estrada.

Mesmo vivenciando momentos difíceis em sua vida como o Massacre do Fogo de 51, a morte de seus pais, a ameaça dos madeireiros, Israel não retrocedeu e continuou lutando. Apesar de tudo, abraçou a luta pelos direitos de seu povo. Vivendo de um jeito simples e convivendo com as dificuldades sempre viajava para estabelecer diálogos que fortaleceriam seu povo.

Sua sabedoria em relação as ervas medicinais e sua simplicidade em compartilhar o que sabia, também ficaram guardadas na memória de quem o conheceu.

Ele fez história, a partir de suas conquistas, da força de vontade que tinha e do guerreiro que é. Mesmo não estando mais entre nós, mas se encontra vivo em nossas lembranças e memórias, em cada conquista sua, em cada luta. Ser gratos por ter um ancião com o legado bastante extenso, e sendo um dos primeiros a fazer história em Mata Medonha. Iniciando sua trajetória ainda jovem, construindo história a partir das lutas que enfrentou, mesmo sem apoio.

Vendo hoje o espaço/aldeia conquistado, percebe-se que não foi fácil permanecer nessa luta, mesmo com tantos desafios a enfrentar constantemente. Cada prova, cada teste que pareciam não ter um final, eram superados após uma conquista. Em cada momento desafiante, servia como encorajamento, persistência e superação aos maus momentos. Não foi do dia para noite que os objetivos desse ancião foram conquistados, mas através de seus esforços e de seus conhecimentos, sua aldeia tornou-se mais desenvolvida, tendo seu próprio espaço, sua própria voz e direitos. Reconhecer o quanto foi e é importante as lutas e memórias, os conselhos deixados, a trajetória, os ensinamentos, os conhecimentos deixados pelos nossos velhos. Com a intenção

que um dia teríamos de assumir toda essa responsabilidade. Percebe-se a importância e confiança que esse ancião depositava aos jovens, ao lembrar de ensinar tudo o que aprendeu durante ao longo da vida, que seria interessante ao seu povo.

Hoje a falta de Israel é sentida por todos, pela forma de liderar, de aconselhar, trabalhar, de lhe dar com as pessoas, que ensinava, dos sonhos que tinha e pela bravura. Sendo um verdadeiro guerreiro. Enquanto liderança, homem, esposo pai e comunidade, trabalhou firme para que a comunidade, principalmente seus filhos e netos, não alcançasse os tempos de dificuldades que ele alcançou. Não possuía interesses próprios, trabalhava com a intenção de ajudar sua aldeia/comunidade, a quem apoiou e deu-lhe confiança.

De um jeito simples demonstrava que a luta, não dependia de uma só pessoa, mas de um conjunto de pessoas em um mesmo objetivo. Seus ensinamentos podiam ser vistos, na forma que liderava, como fazia, porque fazia e por quem fazia. Aprender que lutar não depende de um só, mas pode ser com a iniciativa de alguém. Mas ir em busca de objetivos, existem segredos: força de vontade, persistência, coragem e ser coletivo.

Ao olharmos para aquele que criou sua própria história, que enfrentou mata grossa, momentos desafiantes, pois tudo o que fez, era para que a aldeia tivesse seu reconhecimento como povo, com a cultura, costumes e criasse sua própria história. Valorizar é mesmo que reconhecer, reconhecer as lutas e memórias, que é tão importante enquanto para nós povos indígenas, porque vem cheio de valores, conquistas, simplicidade, experiência e conhecimentos.

Servir como referência a valorização dessas memórias, para as gerações que estão acompanhando e a que estão a caminho. Fazer história não depende só viver, é preciso saber viver, saber amar, lutar, saber o momento certo de parar, de continuar, de encarar medos, e desafios. Mas com a certeza, que a raízes vai continuar a brotar, mesmo que os troncos não permaneçam com a mesma força, ou que já não estejam mais entre nós, mais as lutas continuarão, as histórias serão lembradas, as memórias ficarão guardadas, o conhecimento e a experiência serão seguidos. O velho é como um livro, onde folhear as páginas,



encontrará sábios conhecimentos, passos dados, trajetória de vida, e histórias vividas.

Fomos presenteados pelo nosso criador que deu aos nossos anciões a sabedoria e o conhecimento. Falar de anciões é falar de Israel, de seus conhecimentos e experiência durante sua trajetória e hoje é referência para a comunidade de Mata Medonha também pelo o seu legado.

Se hoje a comunidade busca viver como viveram os nossos mais velhos, andar como eles, liderar como lideraram e realizarem seus sonhos, então os seus ensinamentos e os conselhos valeram e vale a pena. E tudo quanto Israel fez, não foi por acaso, alguém precisou se espelhar em um líder para continuar com a luta e ele, Israel, lutou e liderou não só um grupo, mas sim uma comunidade, um povo, uma aldeia.

## **REFERÊNCIAS**

## **APÊNDICE- A AS PERGUNTAS**

1- Onde conheceu Israel?

2- Como era a convivência de Israel com a família?

3-Em relação a comunidade, houve alguma mudança depois que Israel passou a ser liderança?

4-Como era a relação entre vocês, de pai para filha?

5-Conte-me um pouco da história de vida de Israel:

- as dificuldades

- as lutas

- as conquistas

6- Quando Israel foi vice- cacique, o senhor chegou a acompanhar o trabalho dele? Tiveram muitas conquistas na comunidade durante o tempo de liderança de Israel? E quais foram essas coisas importantes? Quem é Israel para você?